



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT10 – Informação e Memória

MEMÓRIA FRAGMENTADA: O LEMBRAR E ASECOLOGIAS INFORMACIONAIS COMPLEXAS

FRAGMENTED MEMORY: REMEMBERING AND COMPLEX INFORMATIONAL ECOLOGIES

Isaac Roberto Ferreira – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Leilah Santiago Bufrem – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Sandra de Albuquerque Siebra – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: A representação da memória em imagens sofreu transformações no tempo e, atualmente, o ato de lembrar é delineado por Ecologias Informacionais Complexas, interconexões que tornam essas memórias cada vez mais fragmentadas. Este trabalho tem como objetivo descrever um modelo de arquitetura infomemorial de representação da memória imagética, tendo como base uma representação da arquitetura da informação. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Observa que a informação passou por mudanças, ao longo do tempo, na estrutura de sua representação e a memória também acompanhou esse fluxo, transformações que justificam a proposição de uma arquitetura infomemorial.

Palavras-chave: memória fragmentada; arquitetura da informação; ecologia informacional complexa.

Abstract: The representation of memory in images has undergone transformations over time and, currently, the act of remembering is outlined by Complex Informational Ecologies, interconnections that make these memories increasingly fragmented. This work aims to describe a model of infomemorial architecture for the representation of image memory, based on a representation of the information architecture. As for the procedures, this is a bibliographical research. It observes that information has undergone changes, over time, in the structure of its representation and memory has also followed this flow, transformations that justify the proposal of an infomemorial architecture.

Keywords: fragmented memory; Information Architecture; complex information ecology.

1 INTRODUÇÃO

Uma imagem retirada do serviço de geolocalização *Google Maps* e publicada por certa usuária da rede social *X*, antigo *Twitter*, onde esta aparece numa rua dançando com um amigo

falecido em 2022, gerou comoção e logo surgiu uma série de outras postagens sobre saudades e memórias afetivas, ativadas pelas imagens armazenadas no serviço do Google. Não apenas a usuária do X, mas provavelmente muitos têm imagens capturadas pelo serviço de satélite nas quais, provavelmente, seja possível rever parentes, vizinhos e prédios que já não estão mais aqui. As nossas memórias, representadas em imagens, saíram do convencional álbum de fotografias ou dos nossos retratos em paredes e há muito ganharam uma moldura virtual. As novas tecnologias possibilitaram a melhora na qualidade, a multiplicidade dessas imagens e a interação com muito mais pessoas também conectadas, mas, por outro lado, fragmentaram nossas memórias imagéticas de modo que são tantas as plataformas, suportes e quantidades de imagens que, no intuito de tudo registrar e guardar, nem sempre dá-se conta ou consegue-se organizar muita informação e, muitas vezes, tanta memória. Para se tomar emprestado um termo cunhado pela autora Régine Robin (2003), acontece uma saturação de memória, “saturação, enfim, por causa dos fantasmas do “tudo guardar” que acompanham nossa imersão no mundo virtual” (Robin, 2003, p. 22). A necessidade de “tudo guardar”, como coloca a autora, dialoga com Joël Candau (2005) e a sua sociedade marcada pelo metropismo ou compulsão memorial e, também na consequência dessa compulsão em registrar e guardar, dialoga com o conceito de memória esquecida, trazida por Luciano Floridi (2014), termo designativo de informações sem atualização, “à deriva” na Internet.

O armazenamento dessas memórias acontece hoje nas estruturas que formam o que Floridi (2014) chama de Infosfera e que Oliveira e Vidotti (2016) chamam de Ecologias Informacionais Complexas (EIC), interconexões digitais e analógicas, *on e off-line*, que tornam essa memória imagética, além de saturada, fragmentada. O presente trabalho é uma comunicação oral e tem a seguinte questão de pesquisa: como entender e lidar com a fragmentação da memória imagética em diversas interconexões? Para responder esta questão, nosso objetivo geral é descrever um modelo de arquitetura infomemorial de representação da memória imagética, tendo como base uma representação da arquitetura da informação, no caso deste trabalho, o modelo de Oliveira e Vidotti (2016). Como objetivos específicos, pretendemos iniciar discussão sobre a relação entre arquitetura da informação e arquitetura infomemorial, além de refletirmos sobre a representação da memória imagética e da informação ao longo do tempo.

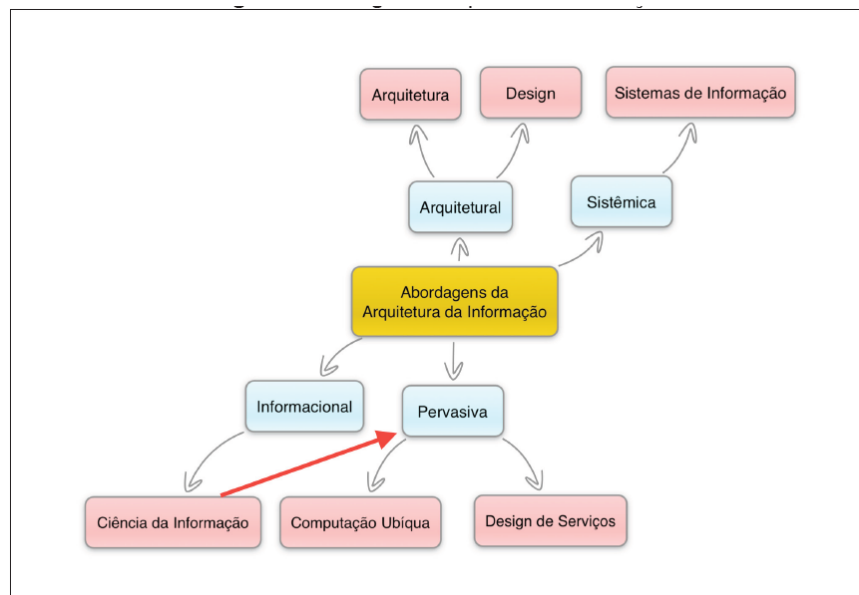
Além desta introdução, este resumo é composto de desenvolvimento, onde serão trabalhados e relacionados conceitos como Infosfera, Arquitetura da Informação, EIC e

Infomemória; em seguida, têm-se os procedimentos metodológicos de como a pesquisa foi realizada; nos resultados, será apresentado e descrito o modelo de Arquitetura Infomemorial e finalmente a conclusão, onde no intuito de respondermos à pergunta de pesquisa, discutiremos conceitos como efemeridade e as questões políticas e econômicas que dizem respeito a fragmentação dessas memórias em imagens.

2 DESENVOLVIMENTO

Arquitetura da Informação (AI) é, segundo Oliveira e Vidotti (2016), um estrato do conhecimento que se ocupa de problemas informacionais e tecnológicos, utilizando-se de arte e ciência para reduzir a complexidade informacional, o que lhe permite se estruturar por intermédio de pesquisas e aplicações práticas, no acesso, uso e recuperação da informação em ambientes diversos. A maneira de se informar e, mais ainda, de representar a informação por intermédio de uma estrutura arquitetural, foi se transformando ao longo dos anos. Para esses autores, a AI tem passado por essas quatro abordagens teórico práticas nas últimas décadas, como está representado na Figura 1.

Figura 1 – Abordagens da AI



Fonte: Extraído de Oliveira e Vidotti (2016, p. 92).

A abordagem arquitetural traz elementos da arquitetura e do design para representar a informação, com ferramentas em sua maioria analógicas; a abordagem sistêmica é

entendida na perspectiva da popularização da tecnologia da informação e a digitalização dos processos com os sistemas de informação; a abordagem informacional utiliza-se de práticas de organização, classificação e recuperação da informação de áreas do conhecimento ligadas à informação, como a biblioteconomia e a Ciência da Informação (CI) e, por fim, a abordagem pervasiva expande a ideia de representação da informação às últimas consequências, saindo da noção de ambiente e anunciando a existência de EIC, retirando a informação e o ato de informar-se de qualquer circunscrição: está em tudo, em todo lugar, ao mesmo tempo e cada vez mais interligado. Oliveira (2014) define as EIC como sendo um “[...] conjunto de espaços, ambientes, canais, mídias, tecnologias e sujeitos com seus comportamentos, todos interligados e conectados de maneira holística pela informação[...]” (Oliveira, 2014). Essa abordagem da AI feita por Oliveira e Vidotti (2016) está intrínseca ao desenvolvimento tecnológico da segunda metade do século XX, com o *boom* informacional.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, uma das disputas mais acirradas entre as duas grandes potências foi o desenvolvimento tecnológico, como lembra Araújo (2018). Esse período de crescimento da importância da informação e da expansão tecnológica na sociedade foi chamado por Manuel Castells (1999), de “Sociedade em Rede”; Pierre Levy (1998), por sua vez, o chamou de “Ciberespaço”, contudo, atualmente, Luciano Floridi (2014) o chama de Infosfera, que seria para representar a nova realidade, um conceito muito mais amplo, que “engloba todo o ambiente informacional constituído por todas as entidades informacionais, suas propriedades, interações, processos e relações mútuas. [...] também inclui espaços *Off-line* e analógicos de informação [...]” (Floridi, 2014, p. 41). Ou seja, não há mais delimitação do *On* e do *Off-line*, consequência da quarta revolução pela qual passa a humanidade, de acordo com o filósofo. Longe de serem apenas espectadores e passivos à expansão da Infosfera, o autor também relaciona aos seres humanos o conceito de Inforg, que seriam “[...] organismos informacionais mutuamente conectados e inseridos em um ambiente informacional (a Infosfera), que compartilham com outros agentes informacionais [...]” (Floridi, 2014, p. 94).

Todavia, não apenas a representação da informação passou por modificações significativas, mas também o ato de lembrar, ou seja, a representação da memória, foi diretamente delineada pela evolução da representação da informação. Tomando-se como exemplo a memória imagética, desde os hoje remotos álbuns de fotografias até a inserção dessas memórias como imagens nas redes sociais, pode-se delinear um processo em que, cada

vez mais, essa memória teve seu poder de alcance triplicado, mas que, paradoxalmente, está se fragmentando de forma exponencial. O que chamamos de Memória Fragmentada são as memórias em formato de imagens as quais, contendo informações, fogem ao nosso controle, devido a sua expansão e replicação em plataformas diversas. É como se cada fotografia nossa fosse um fragmento de uma grande memória sobre nossa vida que conseguiríamos colocar em ordem lógica caso não estivessem espalhadas, como dantes acreditávamos poder fazer com nossos álbuns de fotografias reunidos.

A frase do pesquisador francês Candau (2005), “Nunca nos lembramos sozinhos”, faz alusão ao que disse Maurice Halbwachs (1990) sobre memória coletiva, servindo como explicação para vários fenômenos sociais derivados da memória. A memória de cada indivíduo seria, para Halbwachs (1990), formada e influenciada pela memória coletiva e ambas apenas são tornadas possíveis, graças a interações sociais e culturais, ou seja, os quadros sociais da memória, que servem de moldura para o que lembramos e compartilhamos entre nós. Tanto a memória individual como a coletiva são alimentadas pela informação, por vezes representada em artefatos físicos ou digitais. Se a informação pode ser organizada pela AI no intuito de diminuir a complexidade informacional, isso também pode ser conjecturado para a memória. Neste trabalho, trataremos especificamente das memórias representadas em fotografias, pois ao diminuirmos a complexidade de recuperação dessas infomemórias, também as fragmentamos, de modo que a recomposição de uma linha contínua e inteligível de recordação se torna prejudicada.

Dada essa relação entre informação e memória dentro da CI, descrevemos neste trabalho uma arquitetura infomemorial. De acordo com Nascimento e Azevedo Netto (2016), infomemória são informações em potencial encontradas em artefatos, que servem como suporte ou representação material de uma memória, alimentando-a. A memória na CI é a representada, organizada, manifestada na representação daquele artefato, que se faz no tempo presente. Ao propormos um esquema para a Arquitetura Infomemorial (AMINFO), baseada no esquema da AI feita por Oliveira e Vidotti (2016), poderemos compreender melhor essa fragmentação da memória promovida pelas Ecologias Informacionais Complexas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa básica, que segundo Tomeleiro (2019), busca gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Quanto aos procedimentos, é uma pesquisa bibliográfica, para melhor compreensão sobre a natureza do objeto, as relações a serem observadas e as condições determinantes para essas relações, considerando-se as Ecologias Informacionais Complexas. Nosso objetivo geral é descrever um modelo de arquitetura infomemorial de representação da memória imagética tendo como base a abordagem de representação da AI, nesse caso o proposto por Oliveira e Vidotti (2016). Temos como objetivos específicos iniciar discussão sobre a relação entre arquitetura da informação e arquitetura infomemorial, além de refletirmos sobre a representação da memória imagética e da informação ao longo do tempo, assim, expressamos as reflexões sobre arquitetura da informação, a partir da literatura pertinente.

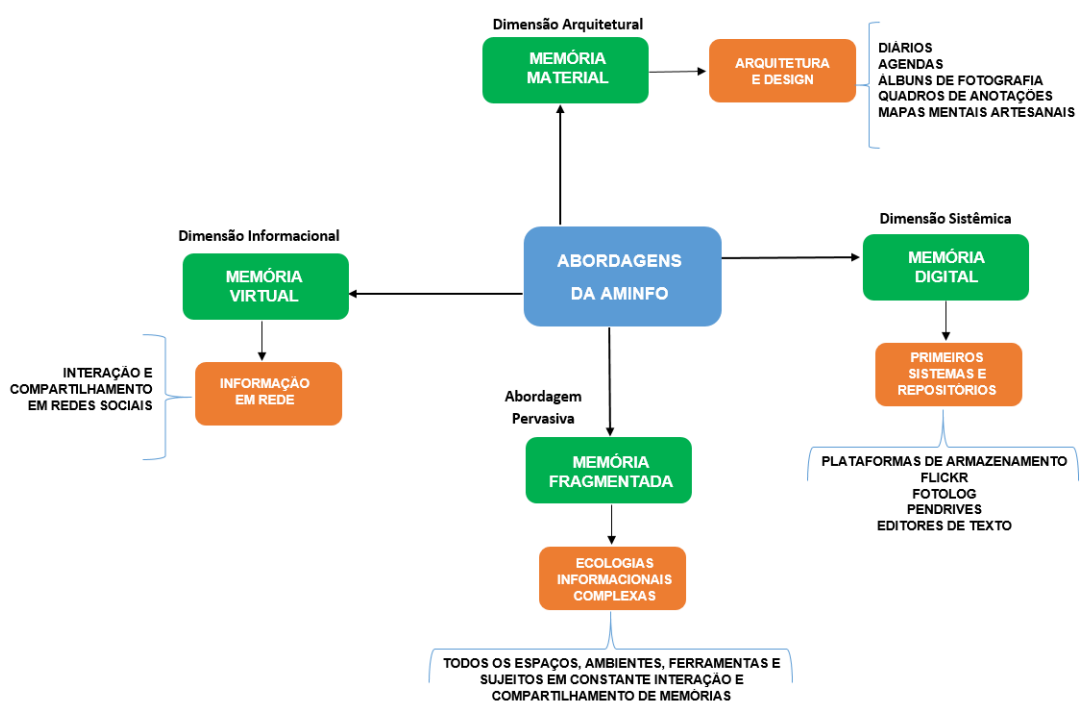
A ideia da pesquisa surgiu durante a disciplina Usabilidade da Informação, ministrada na pós-graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), durante o tópico Arquitetura da Informação. Ao se estudar que há uma arquitetura da informação na perspectiva das ecologias informacionais complexas, pensou-se se não poderia haver uma arquitetura infomemorial que representasse a memória, alimentada pela informação. A fotografia foi escolhida em razão da importância deste suporte para as lembranças e recordações, apesar de ser o recorte de um momento. Para Le Goff (1990, p. 402), “a fotografia revoluciona a memória, multiplica-a e democratiza-a”, e ainda hoje utilizamos como dispositivos de memória significativos.

Neste trabalho, procuramos explorar de forma cuidadosa o contexto teórico do problema identificado procurando relacionar: o estudo feito pelos autores citados sobre a AI, com o conceito de Infosfera de Floridi (2014) e o verbete Infomemorial, de Nascimento e Azevedo Netto (2016), propondo o estudo de uma Arquitetura Infomemorial (AMINFO), que culmina na memória imagética fragmentada, delineada pelas Ecologias Informacionais Complexas. Baseado no modelo onde estão esquematizadas as abordagens da Arquitetura da Informação propostas por Oliveira e Vidotti (2016), foi esquematizado o modelo das abordagens da Arquitetura Infomemorial, no intuito de melhor exemplificarmos as relações estabelecidas entre os conceitos e o que chamamos de memória fragmentada.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Arquitetura Infomemorial está representada na Figura 2, na qual a abordagem arquitetural terá por correspondência a memória material; a dimensão sistêmica será representada pela memória digital; a dimensão informacional será correspondida pela memória virtual e a abordagem pervasiva, para efeito de melhor corresponder às influências das Ecologias Informacionais Complexas, será chamada de memória fragmentada.

Figura 2 – Abordagens da AMINFO



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A memória material corresponde à nossa antiga necessidade de registro em exomemórias. “Atualmente, um homem não se pode contentar apenas com o seu cérebro como unidade de armazenamento das informações memorizadas. Ele apela, cada vez mais, a extensões de memória” (Candau, 2005, p. 67). No caso da fotografia, álbuns, monóculos e molduras serviam como consulta de nossas memórias. Com a chegada das primeiras tecnologias, começou-se a utilizar a digitalização, compondo-se a memória digital, seja fisicamente, em computadores e pendrives, ou em plataformas específicas para fotografias, com pouca interação externa, como por exemplo o Fotolog, da empresa Fotolog Inc. e o repositório Flickr, da empresa Yahoo.

A memória virtual no modelo AMINFO é equivalente à dimensão informacional na abordagem AI. As imagens, além de estarem digitalizadas, são compartilhadas em mídias sociais digitais, aumentando assim o espectro de interação. Há muito que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação vêm se voltando a estudos sobre a informação no âmbito das redes, seja por intermédio da Análise de Redes Sociais (ARS) utilizada na Antropologia, na Psicologia, na Matemática, na Física e na própria Sociologia, como coloca Scott (2001), ou por intermédio dos estudos métricos da informação, principalmente na altmetria, considerada segundo Rocha e Silva (2020) uma métrica alternativa a outros tipos de métricas mais tradicionais.

Cabe diferenciar memórias digital e virtual. Para Massoni e Morigi (2017), o digital antecede o virtual, “[...] é a sua forma enquanto este ainda não foi compartilhado em ambientes colaborativos [...]” (Massoni; Morigi, 2017, p. 7). Ou seja, quando a fotografia é postada em redes sociais como Facebook e Instagram, ambas da empresa Meta, ela se diferencia do que era antes, um arquivo digital, para um artefato virtual, por intermédio da socialização, num ambiente virtual e interativo. Mangan (2010) vai além e diz que a memória virtual só existe por causa da memória digital, e o registro digital só adquire significado e status de memória social se virtualizado em plataforma interativa.

Por fim, temos a memória fragmentada, correspondente à abordagem teórico-prática pervasiva da informação, no modelo de AI no qual nos baseamos, abrangendo toda memória imagética coletiva, representada e compartilhada em exomemórias, que ultrapassou a noção de lugar e de ambiente e que pode agora ser representada em quaisquer plataformas simultaneamente, replicada inúmeras vezes, mas que se torna quase impossível de ser organizada de maneira sistemática como dantes, principalmente no ciberespaço. Redes sociais, plataformas de compartilhamento de conteúdo e outros mecanismos digitais de registro de informação, que funcionam como exomemória, são o que Pessach (2008, p. 73) chamou de “instituições de memória em rede”. Uma peculiaridade das instituições de memória tradicionais para as virtuais é a natureza da participação de quem lembra, que se tornou mais colaborativa no compartilhamento e criação de conteúdo e coletiva. Contudo, esses registros estão espalhados e disseminados, mas também fragmentados, o que por outro lado pode ser um fator de risco também de perda dessa memória.

Essa fragmentação auxilia no que Floridi (2014) chama de memória esquecida; existem diversas páginas e arquivos na Internet que não foram mais atualizados, links que estão inutilizados, além de registros em redes sociais de pessoas que já faleceram e que continuam

online, pois ninguém detinha a senha do perfil. É o que pode ser chamado de “cementerização digital”: páginas, perfis e links “quebrados”. As tecnologias da informação, nesse caso, nem preservam o passado e ainda nos fazem vivenciar um presente perene. O fato de muitos suportes de informação poderem ser regravados, por se tornarem obsoletos rapidamente (um sistema que não possui mais hardware que o comporte ou um hardware ultrapassado que precisa ser trocado na expansão de um sistema) faz com que essas informações sejam voláteis, uma memória efêmera que breve será apagada para a inserção de uma mais recente, como no caso das atualizações do Google Maps e as memórias individuais.

Como nos adverte Robin (2003), “ainda é preciso que os suportes de memória resistam, pois tudo é frágil. A Biblioteca de Alexandria queimou” (Robin, 2003, p. 23). A autora também nos lembra que, mesmo no virtual, imaginamos a “presença de outro infrator, que virá silenciosamente destruir esses novos suportes sem que percebamos” (Robin, 2003, p. 23). Tal infrator pode ser desde o corromper de arquivo a um desligamento geral de rede, pois boa parte das memórias imagéticas estão em servidores particulares e físicos, sujeitos a intempéries.

Aceitamos, então, a efemeridade nossa e das nossas memórias. Ao mesmo tempo em que permitem maior capacidade de expansão e disseminação da memória, as EIC também podem colaborar para o desaparecimento dessas memórias caso não sejam recuperadas a tempo, a exemplo do que acontece nas ecologias com relação à informação, que ao mesmo tempo em que há maiores capacidades de uso, disseminação e recuperação, também servem de canal à expansão de *Fake News* e favorecem a era da pós-verdade. São os prós e contras da Infosfera e do pós-modernismo, delineados por uma sociedade capitalista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão problema deste trabalho foi como entender e lidar com a fragmentação da memória imagética em diversas interconexões. O modelo de arquitetura infomemorial descrito nos ajuda a entender e compreender, visualizar essa fragmentação, ao passo que para lidarmos com ela, um meio possível é por intermédio da compreensão da efemeridade de todos esses suportes que se pretendem indestrutíveis e eternos. Mais do que fragmentada, a memória é agora também efêmera, e para diminuirmos essa efemeridade, tiramos *printscreens* (fotos de telas), salvamos as imagens em *pendrives* e *Hd's* externos, temos um

repositório pago apenas para organização de imagens, ou retornamos aos velhos álbuns de fotografias.

As EIC fragmentam as nossas memórias imagéticas, traço contemporâneo da Infosfera em que vivemos, alimentada por nós mesmos, pois enquanto seres humanos, Inforgs que somos, recorrendo mais uma vez ao conceito de Floridi (2014), não estamos fora da interação com essas interconexões. Ou seja, conectados e munidos de *smartphones* cada vez mais potentes, contribuímos para esse *big data* dia após dia. No entanto, o autor também nos recorda que a questão crucial não é a quantidade de informação, mas sim a nossa capacidade de discernir o que deve ou não ser mantido e o que deve ser descartado, organizar o caos fragmentado de nossas memórias em imagens espalhadas pelas estruturas *onlines* e *offlines*, analógicas e digitais.

Para um estudo futuro, a perspectiva política e econômica das EIC e da Infosfera, também pode ser levada em consideração e, para além dos valores gerados na produção e armazenamento de conteúdo virtual e da comercialização de espaço para armazenamento, há ainda o conceito de Reificação, presente nos estudos de Marx e Luckács e que Bottomore (2011) descreve como “relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes do homem e governam a sua vida. A reificação é um caso "especial" de alienação” (Bottomore, 2001, p. 315). O aparato tecnológico, formado por estruturas como a Infosfera e as EIC, é visto muitas vezes como independentes de seus usuários, Inforgs, conceito que o torna agora inserido à estrutura a ponto de desaparecer nela, integrar-se como a uma de suas parafernalias.

A fragmentação das nossas memórias é uma sintomática da compreensão cada vez mais nítida da efemeridade. A percepção humana não consegue assimilar a rapidez da Infosfera e da interação nas Ecologias Informacionais Complexas, ambiente marcado pela reprodutibilidade e conseqüentemente pela fragmentação. Para Dodebei (2011), a reprodutibilidade é necessária à permanência da memória, que é um recorte momentâneo do social. A Infosfera age sobre a memória, reproduzindo e dinamizando suas representações, contribuindo para a construção de memórias virtuais, que são coletivas, interativas e processuais e acrescentamos, porém, fragmentadas. Este trabalho abre espaço para a inserção, em estudos futuros, do elemento do esquecimento, pois, lembrando Candau (2005), a ausência é certa, e lembrança e esquecimento andam de mãos dadas na memória.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7. ed. rev e aum. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (A era da informação: economia, sociedade e cultura).
- CUNHA, Mágda Rodrigues da. A Memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/22062>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- DODEBEI, Vera. Cultura digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? **DataGramZero: revista de ciência da informação**, v. 12, n. 2, p. 1-12, abr. 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7335>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. São Paulo: Unicamp, 1990.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FLORIDI, Luciano. **The 4th Revolution**. United Kingdom: Oxford University Press, 2014.
- MANGAN, P. K. V. Construção de memórias digitais virtuais no ciberespaço. In: FRANÇA, M. C. C. C.; LOPES, C. G.; BERND, Z. (org.). **Patrimônios memoriais: identidades, práticas sociais e cibercultura**. Porto Alegre: Movimento; Canoas: Unilasalle, 2010.
- MASSONI, Luiz Fernando Herbert; MORIGI, Valdir José. A efemeridade e a virtualização das memórias da cidade. **Morpheus – Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 17, p. 1-8, 2018. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/7692>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- NASCIMENTO, Geysa Flávia Câmara de Lima; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Concepção Infomemorial no Campo da Ciência da Informação: Aspectos Teóricos e Epistemológicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais [...]** Salvador: ANCIB, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/enancib2016>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Arquitetura da informação pervasiva: contribuições conceituais**. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.
- OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; VIDOTTI, Sílvia. Aparecida Borsetti Gregório. Dos ambientes informacionais às ecologias informacionais complexas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 26, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/29438>. Acesso em: 1 jul. 2024.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

PESSACH, Guy. Memory Institutions: Social remembering, privatization and its discontents. **Journal of International Media and Entertainment Law**, [Los Angeles?], v. 1, n. 2, p. 71-149, 2008.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

ROCHA, Ednéia Silva Santos; SILVA, Márcia Regina da. Métricas alternativas de periódicos da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 118-139, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/26935/20508>. Acesso em: 1 jul. 2024.

SCOTT, J. **Social Network Analysis: a handbook**. 2. ed. New York: SAGE, 2001.

TUMELEIRO, Naína. **Pesquisa básica: material completo, com exemplos e características**. 17 set.2019. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-basica/>. Acesso em: 20 set. 2024.